



NAS TRILHAS DO PACTO EDUCATIVO: O PARADOXO DAS ESCOLAS DE TRADIÇÃO CATÓLICA¹

IN THE TRACKS OF THE EDUCATIONAL PACT: THE PARADOX OF CATHOLIC TRADITION SCHOOLS

Amauri Carlos Ferreira

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas.

Ana Paula de Jesus

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas.

Beatriz de Matos Siqueira

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas.

Lorena da Silva Vieira Araújo

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas.

RESUMO

Um paradoxo se evidencia quando o tema é educação católica. Por um lado, o apelo do Papa Francisco para um humanismo cristão. Por outro, a adesão das escolas de tradição católica à lógica do capital. O objetivo deste artigo em forma de ensaio é responder à seguinte pergunta: é possível um humanismo proposto pelo Papa Francisco nas escolas de tradição católica no contexto da lógica capitalista? Para responder a essa indagação de forma negativa, buscamos compreender o pacto educativo do Papa Francisco e sua proposta católica de recolocar o ser humano no centro das atenções. Um caminho Benjaminiano, do presente iluminando o passado, foi crucial nessa compreensão. Os procedimentos metodológicos indicam para uma análise da configuração humanista dada pelas diretrizes para as escolas católicas advindas do Concílio Vaticano II e nos pronunciamentos institucionais do papa, no período de 2013 a 2019, no que se refere à educação. Como resultado desse ensaio, em relação ao campo educacional católico, foi a

¹ Parte deste artigo foi publicado nos anais do II Simpósio Internacional Estudos do Catolicismo -: Concílio Vaticano II - O Catolicismo de João XXIII a Francisco, em 2022, no Grupo de Trabalho Catolicismo e Educação com o título: Da Gravissimum Educatione ao Projeto Educativo do Papa Francisco: Clamor de um Humanismo abstrato TD_2022_Concilio_Vaticano2.pdf (pliniocorreadeoliveira.info)



adesão explícita à lógica do capital, transformando instituições educativas de adjetivo católico em empresas educacionais, ou seja, a configuração de um outro pacto.

Palavras-chave: Escolas católicas; novo humanismo; pacto educativo; lógica do capital.

ABSTRACT

A paradox is evident when the theme is Catholic education. On the one hand, Pope Francis' call for Christian humanism. On the other hand, the association of catholic schools to the logic of capital. The aim of this article in the form of an essay is to answer the following question: is it possible a humanism proposed by Pope Francis in schools of Catholic tradition in the context of capitalist logic? To answer this question in a negative way, we seek to understand the educational pact of Pope Francis and his Catholic proposal to put the human being in the spotlight. A Benjaminian path, from the present illuminating the past, was crucial in this understanding. The methodological procedures indicate for an analysis of the humanist configuration given by the guidelines for Catholic schools coming from the Second Vatican Council and in the pope's institutional pronouncements, from 2013 to 2019, regarding education. As a result of this essay, in relation to the Catholic educational field, it was the explicit support to the logic of capital, transforming educational institutions of Catholic adjective into educational companies, that is, the configuration of another pact.

Keywords: Catholic schools; new humanism; educational pact; logic of capital.

INTRODUÇÃO

Há um fluxo de informações sobre pactos na era capitalista atual. Como exemplo, temos o Pacto Global da Organização das Nações Unidas e o Pacto Educativo Global do Papa Francisco. O primeiro configura um apelo para os dez princípios universais nas áreas de Direitos Humanos². Neles há um convite em forma de convocação para boas práticas empresariais; o segundo – objeto desta reflexão – configura um apelo aos católicos para uma educação humanista envolvendo educação em geral e as escolas católicas propondo princípios humanistas para a ação educativa³. Nenhum desses pactos assume de forma explícita o enfrentamento da lógica do sistema capitalista, geradora da destruição do planeta, do aumento da desigualdade social, da figuração de contravalores morais na edificação do ser humano, na objetivação da violência.

Tal situação configura um problema para sociedades democráticas que almejam a justiça social e o enfrentamento da violência em todas as suas dimensões. A desigualdade social se reafirma a cada dia nas sociedades capitalistas e necessita de propostas ou pactos para tentar diminuí-la. O Pacto Educativo evidencia o problema e abre possibilidades de enfrentamento dessa situação mediante a educação. Há um esforço do representante religioso (Papa Francisco) em recolocar o ser humano no centro das questões vivenciadas pelos

2 “A Organização das Nações Unidas, em 2000, configurou um pacto global com 4 eixos ordenadores: Direitos Humanos- 1-As empresas devem apoiar e respeitar a proteção dos direitos humanos conhecidos internacionalmente.;2 As empresas devem assegurar-se de sua não participação em violações destes direitos.. Trabalho: Princípio 3: As empresas devem apoiar a liberdade de associação e o reconhecimento efetivo do direito à negociação coletiva. Princípio 4: As empresas devem eliminar todas as formas de trabalho forçado ou compulsório. Princípio 5: As empresas devem abolir efetivamente o trabalho infantil. Princípio 6: As empresas devem eliminar a discriminação no emprego. Meio Ambiente: Princípio 7: As empresas devem apoiar uma abordagem preventiva aos desafios ambientais. Princípio 8: As empresas devem desenvolver iniciativas para promover maior responsabilidade ambiental. Princípio 9: As empresas devem incentivar o desenvolvimento e difusão de tecnologias menos agressivas ao ambiente. Anticorrupção: Princípio 10: As empresas devem combater a corrupção em todas as suas formas, inclusive extorsão e propina. O pacto é uma chamada para as empresas alinharem suas estratégias e operações aos dez princípios universais (...) No Brasil sua criação foi em 2003 abrangendo mais de 40 projetos em temas como : Água e Saneamento , Alimentos e Agricultura Energia e Clima ,Direitos Humanos e Trabalho ,Anticorrupção, Engajamento e Comunicação <https://www.pactoglobal.org.br/a-iniciativa/> <https://www.pactoglobal.org.br/no-brasil>

3 O site da Associação Nacional de Escolas Católicas (ANEC) define o pacto: “O Pacto Educativo Global é um chamado do Papa Francisco para que todas as pessoas no mundo, instituições, igrejas e governos priorizem uma educação humanista e solidária como modo de transformar a sociedade. No dia 15 de outubro de 2020 o Pacto foi lançado no Vaticano e, desde então, todo o globo tem se mobilizado para discutir, mobilizar e tornar o pacto algo concreto em nossas políticas educacionais e institucionais. Configura-se em sete compromissos: colocar a pessoa no centro de cada processo educativo; Ouvir a as gerações mais novas; Promover a mulher; Responsabilizar a família; Se abrir à acolhida; Renovar a economia e a política; Cuidar da casa comum (ANEC, p.1)”. <https://anec.org.br/acao/pacto-educativo-global>



sujeitos e, nesse sentido, o pacto tem sido uma esperança para as escolas católicas e a educação em geral. Esperança que esteve presente na Religião Católica, na configuração do Concílio Vaticano II, ao propor diretrizes para a educação católica.

Em forma de ensaio, uma indagação tornou-se crucial: é possível um humanismo como o proposto pelo Papa Francisco nas escolas de tradição católica no contexto da lógica capitalista? Para responder a essa questão, de forma negativa, buscamos compreender a configuração humanista dada pelas diretrizes para as escolas católicas advindas do Concílio Vaticano II, os pronunciamentos institucionais do papa no período de 2013 a 2019 e a tentativa de legitimação do Pacto Educacional proposto.

Um paradoxo se evidencia no campo da educação católica: o apelo do Papa Francisco para um humanismo cristão em face da adesão das escolas de tradição católica à lógica do capital. Nesse sentido, é preciso compreender o pacto educativo abrindo uma fresta no passado para refletir sobre a questão do ser humano no centro das atenções e a “conversão” das escolas católicas ao humanismo solidário.

1. Do presente ao passado da escola católica

Há um quadro de Klee intitulado *Angelus Novus*. Nele está representado um anjo, que parece querer afastar-se de algo que ele contempla. Seus olhos estão arregalados, sua boca está aberta e suas asas prontas para voar. O Anjo da História deve parecer assim. Ele tem o rosto voltado para o passado. Onde diante de nós aparece uma série de eventos, ele vê uma catástrofe única, que sem cessar acumula escombros sobre escombros, arremessando-os diante dos seus pés. Ele bem que gostaria de poder parar, de acordar os mortos e de reconstruir o destruído. Mas uma tempestade sopra do Paraíso, aninhando-se em suas asas, e ela é tão forte que ele não consegue mais cerrá-las. Essa tempestade impele-o incessantemente para o futuro, o qual ele dá a costas, enquanto um monte de escombros cresce ante ele até o céu. Aquilo que chamamos de Progresso é essa tempestade. (BENJAMIN, 1991, p.158).

A tese IX, sobre Filosofia da História, de Walter Benjamin, ainda nos provoca quando analisamos a ideologia dos opressores vitoriosos em relação à classe social menos favorecida com um discurso libertador e uma prática opressora. Tal constatação circunscrita em instituições de formação de longa duração como a família, a escola, a igreja, entre outras, se configura como um lado opressor dessa relação.



O caminho Benjaminiano, do presente iluminando o passado, é crucial nessa compreensão de pactos globais e particularmente educativos. Há neles a figuração humanística que a conhecemos de longa data. Analisar as bases em que essa figuração está solidificada é crucial. Nas escolas de tradição católica, cuja pretensão coteja a universalidade, compreender essas bases tem sido um desafio. Há um aspecto paradoxal que se explicita na práxis educativa. É preciso esculpir no tempo, em suas frestas, o passado, apontando o paradoxo vivido na educação católica. O paradoxo escolhido e evidenciado está configurado na atualidade da seguinte forma. Por um lado, o apelo do Papa Francisco para um humanismo cristão, ou seja, a instauração do Pacto Educativo Global. Por outro, a adesão das escolas de tradição católica à lógica do capital, isto é, um pacto que promove desigualdades.

A educação, ao reafirmar seu caráter social, acompanha a formação dos recém-chegados no mundo e em sua práxis educativa aponta para um campo de disputas ideológicas que podem ser compreendidas na escola particular/confessional como nas escolas públicas. A educação católica em meio às disputas ideológicas propõe seguir diretrizes advindas da Igreja Católica, tendo em vista seu caráter pastoral de formação, que se configura na existência de um imaginário religioso 4 .

Com o adjetivo católico, a educação postula em sua práxis educativa essa consonância com as diretrizes proporcionadas pela Igreja. Anuncia que a condução das escolas e sua ação nos espaços escolares deve manter o pilar da tradição. A tradição é entendida como aquela que guarda princípios ordenadores de ação. As instituições religiosas cuidam desses princípios, o que nos lembra Lima Vaz (1988, p. 17-18) quando nos traz o conceito de tradição (paradosis/traditio), “indicando entrega ou transmissão de uma riqueza simbólica que as gerações passam uma à outra, denota a estrutura histórica do ethos e sua relação original ao fluxo do tempo”.

4 O imaginário religioso integra projetos religiosos de instituições que, de forma imperativa, acionam o vetor de imagens-representações na mente de sujeitos, que as internalizam. Por outro lado, sujeitos religiosos vivenciam e reproduzem as configurações assimiladas como um ethos sagrado e verdadeiro. Nessa direção, os sujeitos religiosos passam a reproduzir esse ethos sob a forma de dogmas, construindo histórias que se transmitem em lembranças”. De tal maneira, que sua construção se torna ambígua uma vez que elementos constitutivos do imaginário como : mitos, ritos, narrativas, simbólico , utopias dentre outros tornam-se religiosos ou fazem parte de processos educativos (Cf. FERREIRA & NORONHA, 2017).



As instituições escolares estão no mundo. Seguem princípios que ordenam uma ação e estabelecem seu caráter hegemônico. No processo hegemônico da Igreja Católica há uma insaciável necessidade de controle dos indivíduos que foi se configurando ao longo tempo e tem na ação pedagógica de suas instituições educativas sua morada, baseada na autoridade religiosa de perfil autocrático. A instituição escolar de formação de longa duração institucionaliza os conceitos e preconceitos da hegemonia católica. Uma Igreja que preza pela preservação da tradição propõe ideais educacionais baseados nas mesmas crenças antigas que, apesar de serem ditas de forma diferente, ainda carregam imenso teor autocrático. A escola passa a ser o palco para a reprodução das desigualdades. Uma representação da sociedade patriarcal e colonialista, em que a escola acaba possuindo um papel fundamental como reprodutora de um arbítrio cultural com base no sistema econômico.

As instituições escolares vinculadas a um sistema econômico têm como propostas um projeto de formação de longo prazo. A lógica do capital presente nas sociedades tem se configurado a cada dia em instituições escolares transformando a educação em mercadoria. Ferreira, Werneck, Ferreira (2021, p.37) afirmam que

Essa ideia da educação como mercadoria perpassa pela elite econômica e a religiosa que detêm o monopólio de escolas. Com um discurso meritocrático de ensino de qualidade, esse processo de mercantilização da educação, transforma professores e educadores em gestores de ensino, como se a educação fosse uma empresa em que se tem por obrigação gerar lucro e, conforme afirma a teoria marxista, (...) que só se gera lucro na espoliação do trabalhador.

Tal constatação conduz a uma boa parte das escolas de tradição católica em uma práxis educativa de estudantes vindos de classes mais favorecidas, assumindo um lado empresarial com uma figuração formativa de valores cristãos, o que nos lembra os anos de 1960, no que se refere ao tipos de escola: redentora e empresarial, conforme pesquisas de Maria Helena Palma (2018). Esses estudos apontam para essa discussão. A educação redentora está voltada para uma configuração que tem origem no funcionalismo em que a base é Durkheim. Uma busca de formar valores a partir de como é constituída a sociedade e sua perspectiva econômica e social. A empresarial, que tem como base o tecnicismo, configurou uma organização empresarial e um processo de sistematização de custo/benefício marcado pelo lucro. Esses tipos de escola configuraram a partir de 1964 a base de ordenamentos escolares.



Isso poderia nos conduzir a pensar que a escola de tradição católica estaria seguindo uma formação de valores advindos das diretrizes das escolas católicas, uma vez que o Concílio Vaticano II propôs diretrizes para a educação católica. Uma educação que pudesse ir para além da lógica do capital, seguindo uma tradição marxista como a de István Mészáros (2008).⁵ O que a realidade tem mostrado é que não foi essa a escolha. O segmento empresarial tem se apresentado desde os anos de 1960 na educação escolar. O serviço ao mercado tem se evidenciado a cada dia. Basta observar a ação das escolas católicas no mercado empresarial e financeiro. Isso também se verifica nas áreas de recursos humanos, cuja gestão está configurada na lógica do lucro e na ausência de diálogos com funcionários/docentes (agora considerados colaboradores), ou seja, uma empresa que serve ao mercado de consumidores.

O centro não tem sido a pessoa, como já nos apresentava o personalismo cristão⁶ da Igreja Católica revisitado pelo Papa Francisco, mas, sim, o lucro. A instauração de contratos de trabalhos precários, a dispensa de professores por questões pessoais, políticas e financeiras têm sido a tônica. Os sindicatos denunciam essa situação de injustiças e informam a falta de diálogo das empresas educacionais que incluem o segmento católico.

Nas áreas de formação de professores nas faculdades e universidades, há um processo de precarização evidenciada de tal maneira que os cursos oferecidos pelas universidades e faculdades assumiram essa onda do mercado. Uma universidade que, ao aderir a uma lógica do consumo, precariza a cada dia a formação de profissionais qualificados. Um processo não pedagógico de adquirir conhecimentos: juntam-se turmas, cursos; impõe-se ao professor disciplinas que não correspondem a sua formação; colocam-se estudantes de períodos diferentes com uma falácia interdisciplinar entre outras atrocidades epistêmicas e pedagógicas.

5 Em seu livro, *A Educação para além do Capital* propõe uma reflexão crítica da sociedade contemporânea em que a educação baseada numa perspectiva dialética na qual contempla soluções essenciais para o campo educativo. Seguindo seu itinerário o livro de Caio Antunes (2012), *A Educação em Mészáros*, reafirma a educação em um processo qualitativo que leva ao rompimento com a lógica do capital.

6 Essa corrente filosófica coloca a pessoa como central na construção de valores. O personalismo cristão se volta para o retorno a pessoa, para uma reflexão de cunho espiritualista. Tal abordagem pode ser considerada como aquela que coloca a pessoa como base de sua filosofia. Pode-se pensar como um representante importante desse pensamento E. Mounier o qual tem uma reflexão de orientação cristã e comunitária. Em termos de documentos católicos os quais podem ajudar a pensar a pessoa como centro temos na configuração do direito/dever do ser humano em se tornar pessoa a Encíclica *Gaudium et Spes* e o documento crucial para a educação católica, *Gravissimum Educationis* que tem por objetivo a formação da pessoa.



Esse processo empresarial no espaço escolar e nas universidades tem levado à desconfiguração das diversas áreas do saber para servir ao mercado. Esta mercantilização da educação, por sua vez, se dá de tal maneira que, ao longo do tempo, disciplinas de formação humana vão sendo substituídas por outras puramente técnicas. (FERREIRA, WERNECK, FERREIRA, 2021, p.39-40).

As humanidades são as primeiras a serem diminuídas na carga horária, retiradas do currículo e recentemente são as que vão para os espaços pedagógicos virtuais (não existe relação intersubjetiva nessa modalidade de ensino). Essa constatação tem sido confirmada pela pesquisa em desenvolvimento, Educação Católica e Novo Humanismo: o paradoxo entre tradição e práxis capitalista .7

É nesse contexto que se inserem as escolas católicas e as universidades em geral. Uma análise potente nos estudos de Marilena Chauí⁸ sobre a universidade evidencia a face empresarial das universidades públicas, que cai como uma luva para as universidades particulares /confessionais e também para as escolas de tradição católica. “Em sua análise, a autora estabelece as três etapas sucessivas para a universidade: universidade funcional, universidade de resultados, universidade operacional (FERREIRA; WERNECK; FERREIRA, 2021, p.40)”. Assim,

a universidade operacional, dos anos de 1990, difere das formas anteriores. De fato, enquanto a universidade clássica estava voltada para o conhecimento, a universidade funcional estava voltada diretamente para o mercado de trabalho, e a universidade de resultados estavam voltada para as empresas, a universidade operacional, por ser uma organização, está voltada para si mesma como estrutura de gestão e de arbitragem de contratos. Regida por contratos de gestão, avaliada por índices de produtividade, calculada para ser flexível, a universidade operacional está estruturada por estratégias e programas de eficácia organizacional e, portanto, pela particularidade e instabilidade dos

7 Essa pesquisa está vinculada ao Instituto Santo Tomás de Aquino (ISTA) e à Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas) financiada pelo CNPQ, sob coordenação do professor doutor Amauri Carlos Ferreira.

8 “A universidade funcional dos anos de 1970, foi prêmio de consolação que a ditadura ofereceu à sua base de sustentação político-ideológica, isto é, à classe média despojada de poder”. A ela foram prometidos prestígio e ascensão social por meio do diploma universitário. Donde a massificação operada, a abertura indiscriminada de cursos superiores, o vínculo entre universidades federais e oligarquias regionais e a subordinação do MEC ao Ministério de Planejamento. Essa universidade foi aquela voltada para a formação rápida de profissionais. Requisitados pela mão de obra altamente qualificada para o mercado de trabalho. Adaptando-se às exigências do mercado, a universidade alterou seus currículos, programas e atividades para garantir a inserção profissional dos estudantes no mercado de trabalho. A universidade de resultados, dos anos de 1980, foi aquela gestada pela etapa anterior, mas trazendo novidades. Em primeiro lugar, a expansão para o ensino superior da presença crescente das escolas privadas, encarregadas de continuar alimentando o sonho social da classe média; em segundo, a introdução da ideia de parceria entre universidade pública e as empresas privadas. Este segundo aspecto foi decisivo na medida em que as empresas não deveriam assegurar o emprego futuro aos profissionais universitários e estágios remunerados aos estudantes, como ainda financiar pesquisas diretamente ligadas a seus interesses. Eram empregos e a utilidade imediata das pesquisas garantiam à universidade sua apresentação pública como portadora de resultados (CHAUÍ, 2001, p. 189-190) “.



meios e dos objetivos. Definida e estruturada por normas e padrões inteiramente alheios ao conhecimento e à formação intelectual está pulverizada em micro organizações que ocupam seus docentes e curvam seus estudantes a exigências exteriores ao trabalho intelectual [...]é uma universidade que opera, mas não age. (CHAUÍ, 2001, p. 189).

Essa reflexão de Chauí, embora seja sobre a universidade pública, também se aplica às universidades, faculdades particulares/confessionais e às escolas de educação básica. Nas escolas católicas em geral, as estratégias de marketing são para atrair estudantes (clientes) e foram se sofisticando a esse modo operacional. O que se observa atualmente é que a escola católica, ao explicitar a escolha de servir às classes sociais as quais se alia, em consonância com a lógica do capital, configura uma ação contrária aos princípios cristãos propagados pela própria educação católica advindos do Concílio Vaticano II.

Existe um contraste enorme frente ao que se apregoa e o que se vive. Mais contraditório, ainda, é observar uma instituição que continua com um certo silêncio sobre sua total adesão a essa lógica do lucro. O encaminhamento das instituições escolares católicas é totalmente voltado para a ideia do mercado, da produção.

Isso posto, poderíamos pensar que a proposta do Papa Francisco com seu Pacto Educativo estaria em uma direção de enfrentamento dessa práxis capitalista em que se encontra a educação católica. No entanto, o que os pronunciamentos dados de 2013 a 2019, os artigos, livros acadêmicos e as revistas de formação para a educação católica mostram é que esse enfrentamento da práxis capitalista não tem ocorrido de forma explícita. O que se observa é o projeto do pacto educativo que tem configurado um humanismo abstrato, cuja origem remonta ao Concílio Vaticano II. Uma resposta às diretrizes não cumpridas da Igreja Católica.

É nesse contexto que o Papa Francisco tenta retomar esse humanismo cristão perdido e que passa a ser chamado por alguns de “Novo Humanismo”. É assim que o papa, segundo Souza (2022),

chamando a atenção dos “homens e mulheres de boa vontade” e da comunidade internacional para a mudança epocal em curso, Francisco também incentiva uma economia solidária; propõe um modelo de educação inclusiva e libertadora; pauta a urgência do cuidado com a casa comum, e, mais recentemente, clama por uma união global de solidariedade em torno dos efeitos da pandemia da Covid-19, incluindo a responsabilidade das nações pela garantia ao acesso gratuito de imunizantes a todos os povos. A esse conjunto de iniciativas estamos denominando como um novo humanismo inspirado pelo Papa Francisco. (SOUZA, 2022, p. 35).



Curiosamente um “novo” que carrega consigo as mesmas fortes marcas da antiga tradição católica. O pensamento pedagógico cristão na segunda metade do século XIX, em que há uma objetivação da hegemonia laica, ocorre um processo de retomada de orientações de matriz cristã. Um retorno que conduziu a uma não homogeneidade de práticas católicas. Esse campo é de disputa ideológica dentro da própria Igreja. A exemplo, tem-se a figura de um educador que se destacou no século XIX sem se afastar muito das Diretrizes da Igreja. É o caso emblemático de D. João Bosco, que abriu novas perspectivas à educação cristã ao se dedicar às crianças pobres, abandonadas. Também há uma tentativa de aproximação com as escolas que não estavam nessa tradição católica, mas estavam imbuídas de ativismo cristão. Buscavam dialogar com as escolas que utilizavam de métodos mais modernos. “Os pedagogos e os educadores católicos desenvolveram de forma diferente a doutrina oficial da igreja em matéria educativa, embora sem afastar-se muito das diretivas pontificais e da tradição. (CAMBI, 1999, p.567).

Ao concentrar uma reflexão nos pontificados dos papas no que se refere ao campo educativo pode-se perceber como a tradição católica tenta se manter na sociedade. Ocorre uma configuração da educação não sendo um direito da Igreja. Cambi (1999) também nos informa que de Leão XIII a Pio X há posições curiosas no campo educativo como o papel da família no campo educacional, principalmente quando no pontificado há uma dificuldade de diálogo com o tempo atual. É bom destacar aqui a figura de Pio X, um papa antimoderno. E se caminarmos para as orientações das encíclicas, temos uma metodologia de controle do dever ser do sujeito como é o caso da *Divini illius magistri* promulgada por Pio XI, em 1929, que concentrava o campo educacional à ideia perfeita da configuração cristã, dando a importância suprema à família. Essa encíclica conduziu a experiência pedagógica até o Concílio Vaticano II. Com o Concílio Vaticano II ocorre a participação de toda a comunidade, uma colaboração que tem como foco a formação humana livre parcialmente da tutela religiosa.

Um novo comportamento ligado ao diálogo com a sociedade contemporânea e as instituições laicas, se faz presente na declaração conciliar, embora os princípios fundamentais da educação cristã, tal como se tinham fixado pela prática educativa moderna e os magistério dos pontífices, viessem substancialmente reconfirmados. (CAMBI, 1999, p.566).



É nessa perspectiva que a educação católica, ao propor voltar para a pessoa como centro, tem sua marca em questões que perpassam os tipos de humanismos presentes na história e nos ares das década de 1960. Não há como ignorar os autores que possuíam em sua elaboração teórica princípios antimodernos que coadunam com a concepção de ser católico, como é o caso de Jacques Maritain (1882-1973) com seu humanismo integral destacado em suas obras: *A educação na encruzilhada*, de 1943, e *a Educação da Pessoa*, de 1959. Essas obras lidas para seu tempo trazem um terreno fértil de compreensão da educação liberal de cunho abstrato. É evidente que também nessa ideia de centramento à pessoa a figura de E. Mounier é fundamental em uma compreensão e ação do personalismo cristão.

Julio Rezende, em sua dissertação de mestrado, aponta para esses dois autores afirmando:

Os filósofos J. Maritain e E. Mounier elaboraram, a partir do diálogo entre o pensamento contemporâneo e a tradição cristã, os fundamentos do humanismo cristão moderno propondo um caminho capaz de integrar a dignidade da pessoa humana ao compromisso sociotransformador. A Igreja, por meio de seus documentos e pronunciamentos dos papas e das conferências episcopais, tem, desde o Concílio Vaticano II (1962-1965), procurado tecer relações de diálogo e proximidade com amplos setores da sociedade como meio para oferecer seu repertório humanístico em vista de uma fraternidade universal. (REZENDE, 2022, p.48).

Nesse Pacto Educativo, há uma convocação a uma nova conversão dentro da própria Igreja. Basta retornar a esses autores para perceber no projeto do Papa Francisco uma proposta de humanismo católico como um possível acréscimo de ser um humanismo solidário.

2. Do Pacto Educativo: um projeto humanista para a educação

O Projeto Educativo do Papa Francisco, configurado por muitos como “um novo humanismo”, remonta os ares da *Gravissimum Educationis*, ancora-se nos textos programáticos de *Evangelii Gaudium* e *Laudato Si'*, desembocando no “Educar ao humanismo solidário”, uma continuidade do humanismo cristão.

O Papa Francisco faz um apelo para as instituições como a escola e a família, tendo em vista o caráter educativo que elas desempenham na sociedade. Essa centralidade no ser humano tem se configurado como um “Novo Humanismo” somado ao adjetivo “solidário”.



Nessa perspectiva, Humanismo por humanismo, no processo de diferenciação histórica, tem-se aquele que inaugura o mundo moderno nesse exercício de uma razão que nos é própria da condição humana e que no decorrer do tempo foi configurando suas expressões na arte, na poesia e na religião. Ele é conhecido como humanismo burguês a partir do século XIX. No entanto, a configuração desse humanismo adquire no personalismo cristão do século XX uma outra face que foi, por muito tempo, aceita e legitimada.

Atualmente, com o poder de legitimação da imagem e com uma expressão de um novo modo de ser humano, em uma perspectiva católica, inaugura-se “o novo humanismo”, agora personificado no Papa Francisco. Em uma leitura atenta aos documentos da Igreja, no que se refere ao humanismo, não há novidade em colocar a pessoa no centro das reflexões.

De 2013 a 2020, período em que se acompanha o pontificado de Francisco, ao que tudo indica, estabeleceram-se as bases para a educação católica, demarcando o que para alguns tem sido chamado de “Novo humanismo”, uma forma de legitimar vozes antigas em tempos modernos, o que configura uma continuidade de uma proposta cristã.

É nessa direção que a figura de Francisco vai se solidificando na mídia, trazendo essa preocupação com questões sociais e educativas. O diferencial nesse campo ideológico tem sido o apoio da mídia, a necessidade de mudança ou de implementação dos ideais propostos pelo Concílio Vaticano II e a insistência de alguns segmentos católicos na propagação da imagem do papa aliada a essa proposta humanista que pretende atingir a educação.

Na análise de Fábio Tfouni e Anderson Pereira “Entre o acontecimento e a memória: discursos sobre o Papa Francisco em capas de Revistas de grande Circulação” (2016), os autores demarcam a espetacularização na caracterização de um acontecimento. Isso porque esse destaque de 2013 confere ao papa recém-eleito o título de “homem do ano” por algumas revistas, tais como a capa da revista Rolling Stone do dia 13 de fevereiro de 2014, a revista Time, edição de 23 de novembro de 2013, Time do dia 29 de julho de 2013, revista Família Cristã, ano 79 - abril de 2013, revista The Advocate de dezembro de 2013, informativo diocesano, da Diocese de Umuarama-PR, ano 40, No 412, fevereiro de 2015,



revista Veja Nº 2332, de Julho 2013, revista Veja de 27 de março de 2013, revista Época de 22 de Julho de 2013, revista Veja 20 de março de 2013 9

São nessas pistas que a configuração de um imaginário do papa representar de forma imediata uma imagem de uma Igreja próxima ao povo, considerando alguns elementos constitutivos: primeiro papa da América Latina, primeiro jesuíta, após a renúncia de Bento XVI (situação histórica desde Gregório XII). Sem trazer à tona a situação histórica dos jesuítas na atuação dos povos colonizados, a figura do novo papa vai sendo legitimada com a vinculação aos cânones da igreja católica. É um papa forjado na figura de ser voltado ao povo. Em algumas situações, voltado aos pobres, como foi explicitado na capa da revista Veja de julho de 2013.

Há, é claro, nessa nova imagem, uma ideologia a ser reavivada em momentos de crise, tendo em vista a situação anterior da própria Igreja: escândalos de pedofilia, lavagem de dinheiro, violência simbólica, a manutenção de valores tradicionais e um chamado a discutir questões como sexualidade, casamento entre iguais, celibato, entre outras. Apontar situações de injustiças, abrir para o diálogo, é clamor, e não quer dizer mudanças, mas remete às ideias do Vaticano II.

É a partir de discursos sobre injustiças, desigualdade sociais, abrir caminho para o diálogo na procura de paz entre nações, que a consolidação de uma imagem se volta para um humanismo que se legitimou como solidário. Sem discutir o caráter ideológico da formação para esse humanismo solidário, a configuração de uma Igreja missionária se objetiva e no campo educacional tem seu lócus privilegiado na escola católica.

Valéria Leal (2018) propôs uma análise documental sobre os discursos do papa sobre educação, não se esquecendo dos textos programáticos de *Evangelii Gaudium* e *Laudato Si'* e o texto “Educar ao humanismo solidário”. Da congregação para a educação católica, nesse artigo, a autora aponta para:

a investigação (...) para uma ação educativa que tem em vista um projeto de humanidade, por isso o humanismo solidário. Francisco destaca a importância de educar a pessoa na sua integralidade e a necessidade de prepará-la para viver em sociedade e pensar no bem comum. Seus gestos e palavras são coerentes e expressam posicionamentos claros acerca da necessidade de promover, por um pacto educativo entre família, escola, sociedade e Igreja, a transformação da sociedade para maior

9 As imagens das capas dessas revistas são mostradas analisadas nesse belo e contundente artigo de Fabio Elias Verdiani Tfouni e Anderson de Carvalho Pereira que fazem análises de discursos que permitem compreender a construção de uma imagem.



solidariedade e diálogo, sem desconsiderar, para as instituições católicas, a dimensão da fé e da esperança cristã. (LEAL, 2018, p. 137).

Sem entrar no papel da construção ideológica da mídia, seja religiosa ou não, nos fundamentos de um humanismo solidário, há uma convocação para instituições educativas, dentre elas a escola católica que para o Arcebispo Metropolitano de Montes Claros

é uma tarefa instigante estimuladora e muito oportuna. Desde o início de seu ministério como bispo de Roma, Francisco tem interpelado todos os setores eclesiais à conversão pastoral. Suas interpelações alcançam, também, a escola e a Universidade Católica, a tal ponto que poderia se dizer de apelo à “conversão da educação católica”. (JUSTINO, 2019, p. 7).

Estranho esse apelo de conversão e não de anúncio que chama a atenção e conduz a uma formulação: o que de fato tem distanciado a educação católica de suas diretrizes advindas dessa virada a partir do Vaticano II ao Papa Francisco? Ao que tudo indica, tem sido a opção das escolas católicas de educar um determinado segmento social. Uma legitimação do pensar de uma classe mais favorecida, em que boa parte se nega a discutir as seguintes questões: gênero, sexualidade, desigualdade social, racismo, práticas pedagógicas dos professores, entre outras.

O papa tem chamado a atenção para problemas que atingem a humanidade de tal maneira que, ao acenar para o chamado “Novo humanismo”, ele tem apontado para um modelo mais solidário que o século XXI deveria assumir. Temas como trabalho, família, educação, juventude e injustiças sociais estão presentes em seus discursos e documentos, propagados por aqueles que estão em consonância com os ideais do Concílio Vaticano II e com seu modo singular de seu pontificado.

Na entrevista que Guadalupe Corrêa Mota e Maria Amélia do Rosário Santoro Franco fazem com Dom Tarcísio Scaramussa, elas remontam ao encontro com os participantes da Plenária da Congregação para a Educação Católica, em 9 de fevereiro de 2017, no Vaticano, em que o papa partilhou de algumas expectativas sobre educação que aqui transcrevemos.

Antes de tudo, diante de um individualismo infestante, que nos torna humanamente pobres e culturalmente estéreis, é necessário humanizar a educação. A escola e a universidade só têm pleno sentido em relação à formação da pessoa. Todos os educadores são chamados a colaborar neste processo de crescimento humano com o seu profissionalismo e com a riqueza de humanidade da qual são portadores, a fim de ajudar os jovens a tornarem-se construtores de um mundo mais solidário e pacífico.



[...] Outra expectativa é que cresça a cultura do diálogo. O nosso mundo tornou-se uma aldeia global com múltiplos processos de interação, onde cada pessoa pertence à humanidade e partilha a esperança de um futuro melhor com a inteira família dos povos. Infelizmente, ao mesmo tempo, há muitas formas de violência, pobreza, exploração, discriminação, marginalização, abordagens restritivas às liberdades fundamentais que criam uma cultura do descarte. Em tal contexto, os institutos educativos católicos são chamados em primeira linha a praticar a gramática do diálogo que forma para o encontro e a valorização das diversidades culturais e religiosas.

[...] A última expectativa que gostaria de partilhar convosco: o contributo da educação para semear esperança. O homem não pode viver sem esperança e a educação é geradora de esperança. Com efeito, a educação é fazer nascer, é fazer crescer, coloca-se na dinâmica do dar a vida. E a vida que nasce é a fonte mais borbulhante de esperança: uma vida orientada para a busca da beleza, da bondade, da verdade e da comunhão com os outros em vista de um crescimento comum. Estou convicto de que os jovens de hoje têm sobretudo necessidade desta vida que constrói futuro.

[...] A esperança não é um otimismo superficial, nem a capacidade de olhar para as situações de modo benévolo, mas antes de tudo é um saber arriscar de maneira certa, exatamente como a educação⁷ (MOTA; FRANCO, 2020, p.292).

Essa preocupação remete a reflexões que demarcam a preocupação com a perspectiva humanista da educação no geral que necessita de uma mudança na prática pedagógica. Mas é no mundo da práxis, quando olhamos e vivenciamos a prática pedagógica dos gestores de ensino das escolas de tradição católica, no que se referem à proposta de diálogo, de solidariedade de reconhecimento do trabalho docente, há esquecimentos e silenciamentos desses ideais.

A escola católica reproduz uma lógica não solidária. Configura seu campo de dominação. Por exemplo, o corpo docente que deixou de ser um profissional de ensino para ser colaborador em um sistema de mando e obediência. Também, insistentemente, ocorre a intervenção no trabalho pedagógico da escola. Nessa opção, o segmento dos professores vem sofrendo represálias por parte das escolas católicas nessa adesão ambígua à lógica do capital. É preciso indagar: A que e a quem a escola católica escuta? O Pacto Educacional atinge a escola católica? Qual sentido de “converter” a escola católica”?

Os ideais da instituição estabelecem diretrizes para a formação do humano no que se refere ao campo educativo. Ela, Igreja, atualmente tem uma proposta para as escolas católicas. No entanto, ao analisar a prática dos gestores das escolas católicas, há uma adesão atualmente explícita à lógica do capital. Transformou-se a escola em uma empresa que oferece uma mercadoria, em que o consumidor tem direitos e não deveres a cumprir.

3. Da educação católica: humanismo solidário?

Refletir sobre o campo educacional católico a partir do Concílio Vaticano II implica um processo de compreensão do modo de gestão das escolas católicas, que professam princípios humanistas advindos do concílio em sua continuidade do “Novo Humanismo do Papa Francisco”, ao ir de encontro a práticas não humanistas. Um paradoxo na gestão marcada pela adesão à lógica do capital se configura no distanciamento dos princípios ordenadores para a ação humanista de abordagem católica.

Algumas indagações surgem em complemento a esse ensaio: há um novo humanismo cristão? Não seria esse projeto um retorno às diretrizes não cumpridas pelas escolas católicas?

A escola católica, por princípio, estaria ou deveria estar em uma perspectiva coerente com as diretrizes da igreja católica. Em seu anúncio, professa um discurso humanista, cristão e, atualmente, um “humanismo solidário”. Ou seja, uma configuração “redentorista”, trazendo princípios ordenadores de matrizes cristãs. Pensar na perspectiva das diretrizes é coerente. No entanto, não tem sido essa a ação humanista com os docentes e funcionários das escolas católicas.

Na pesquisa de Virgínia Monteiro (2006), que analisa a incoerência entre discurso e prática do ensino das escolas confessionais de Belo Horizonte - MG, concentrando-se na escola católica, aponta esse distanciamento em sua análise a partir dos processos trabalhistas e depoimentos de professores e funcionários. A autora constata tal incoerência mediante as ações trabalhistas e os depoimentos dos funcionários e professores demitidos. Nessa constatação, o sentimento de injustiça provocado por parte das instituições religiosas é evidenciado, tendo em vista que ocorre uma exploração dos funcionários a partir de uma ideologia religiosa e de trabalhos não remunerados. No que se refere aos princípios propostos na prática, ocorrem distanciamentos que são percebidos e atestados. A conclusão a que chega a autora é a seguinte:

Pode-se observar nos processos e depoimentos analisados que as escolas costumam invocar em sua defesa dificuldades financeiras ou a pesada carga tributária brasileira, mas o fazem de maneira generalizada, quase repetitiva e, nos casos em que são instaladas a comprovar o alegado, não conseguem fazê-lo. (MONTEIRO, 2006, p.71).



A procura na justiça para reclamar seus direitos explicita uma relação de injustiça por parte dos dirigentes das escolas e os que não a procuram segundo a autora “(...) por medo de se verem estigmatizadas no futuro e de serem fechadas as portas de novos empregos”. (MONTEIRO, 2006, p.71).

Nessa pesquisa de 2006, evidenciou-se esse distanciamento entre o que se professa e o que se faz. Isso tem nos conduzido, com a entrada do novo papa, a percorrer o segmento dos professores no que se refere à dispensa de trabalhos prestados à instituição e ao mesmo tempo evidenciar práticas institucionais no que se refere à práxis educativa de seus gestores.

De 2006 a 2022 ocorreram mudanças nessa prática ideológica das escolas de tradição católica? Não há mudanças. Há na proposta do pacto educativo a convocação para o diálogo aberto à alteridade, muito bem demarcado por SANTOS & SANTOS(2021 , p.68).

O Pacto nos convida a viver o diálogo como caminho de aprendizado para acolher o outro na sua totalidade, por meio de uma escuta generosa que favoreça uma comunicação mútua, que desperte para o compromisso com o bem comum, a defesa de direitos fundamentais, a superação da intolerância e do isolamento em relação ao outro.

O outro pressupõe uma convivência ética. Uma relação instaurada em um processo educativo que envolva a todos no compromisso com a realização plena do ser humano em sua diversidade. A educação integral do pacto educativo propõe essa convivência, tendo em vista o retorno à pessoa. Ao demandar uma educação integral propõe “de forma crítica e significativa, e mediatizada pelo/a educador/a –pedagogo/a na diversidade de práticas, tempos e espaços de organização escolar, a educação integral é materializada por meio de aprendizagens curriculares de aspecto científico, socioemocional e espiritual-religioso. (GUIDINI,2021,p.80).

O Pacto Educativo propõe uma educação humanística, mas sem enfrentar a lógica do capital no espaço das escolas católicas. Elas, ao que tudo indica, são promotoras de um anti-humanismo.

No Pacto Educativo, essa ideia de formar para um humanismo solidário é uma proposta que segundo o papa, vai “renovando a paixão por uma educação mais aberta e inclusiva, capaz de escuta paciente, diálogo construtivo e mútua compreensão” (apud MOTA; FRANCO, 2020, p.292). Essa proposta fica ancorada no discurso dos gestores e não em sua prática. Ela não está até o momento presente naqueles que estabelecem uma relação permanente com o



estudante, ou seja, a figura do educador/professor. Esse, na empresa escolar católica, é um colaborador. É descartável. Sem direito à fala e ao contraditório. Isso quando o Pacto Educativo conclama a ir além dos muros da escola em um apelo a todos. O princípio da justiça que deveria estar também na escola, está ausente.

Apesar disso, o discurso é

Nas Escolas Católicas, o educador deve ser antes de tudo muito competente, qualificado e, ao mesmo tempo, rico de humanidade, capaz de permanecer no meio dos jovens com um estilo pedagógico, para promover o seu crescimento humano e espiritual (...)O próprio educador tem necessidade de uma formação permanente. Portanto, é preciso investir a fim de que professores e dirigentes possam manter o seu profissionalismo e também a sua fé e a força de motivações espirituais. (FRANCISCO, 2019, p. 47-48.).

Tal perspectiva deveria estar primeiro com gestores das escolas católicas que, ao cederem à lógica do capital, servem cegamente ao dever ser de um mercado e se legitimam mediante autoridade autoritária. Não se nega que há um projeto de educação com espírito católico, mas a prática é percebida dentro de uma outra lógica de anti-humanismo.

A questão das escolas tem sido de custo/benefício. Os processos de avaliação dos docentes é autocrático e punitivo. Os professores mais experientes são substituídos, pois implicam gastos e não há reconhecimento docente. Há retirada da dignidade humana do indivíduo e demissão por questões ideológicas (por pensar de forma contrária ao gestor). Se pensarmos dentro de uma perspectiva da empresa, a escola católica se tornou operacional visando o lucro, o estudante como consumidor e o professor como o vendedor de uma mercadoria que precisa agradar o cliente (podendo sofrer sanções de acordo com um sistema de avaliação controverso).

O que é mais enigmático tem sido a ação da instituição família a qual o Pacto Educativo clama. Um anti-humanismo da família das classes mais favorecidas e sua intervenção no espaço escolar. Ou seja, ela é uma aliada às injustiças provocadas pela lógica do capital. São contra discussões sobre racismo, desigualdade social, questões de gênero e sexualidade.

O discurso democrático está presente e aliado às diretrizes do papa. Mas dentro dos muros das escolas e fora deles há uma prática de gestão empresarial em que o democrático e o demasiadamente humano não entram em cena. E o que é mais assustador é a convivência dos gestores das escolas de tradição católica com essa situação.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para entender o paradoxo proposto do apelo do Papa Francisco para um humanismo cristão e a adesão das escolas de tradição católica à lógica do capital, foi necessário responder de forma negativa à pergunta: é possível um humanismo proposto pelo Papa Francisco nas escolas de tradição católica no contexto da lógica capitalista?

Nessa solução dada, percebemos que o Pacto Educativo do Papa Francisco segue uma tradição. O passado reconfigurado em uma tentativa de diálogo se inscreve em uma perspectiva humanista que aciona um vetor do imaginário religioso em um retorno às diretrizes do Concílio Vaticano II e ao personalismo cristão.

A nossa suspeita, caminhando para uma corroboração, foi a de que a conversão das escolas católicas proposta pelo papa não configura um enfrentamento da práxis capitalista das escolas católicas, mas uma proposta para um retorno a um humanismo solidário configurado em seu aspecto abstrato. O Pacto Educativo vai se efetivando em um vetor do imaginário religioso que institui orientações para práticas pedagógicas generalistas sem enfrentamento da causa primeira. Nas sociedades capitalistas e na prática pedagógica das escolas católicas o que tem ocorrido pode ser considerado de “baixa intensidade”¹⁰ como nos ares da democracia brasileira atual.

As boas intenções do Papa Francisco não atingem o pacto que as escolas católicas estabeleceram com a lógica do capital. As escolas servem a uma classe mais favorecida. O humanismo abstrato não se concretiza. Ele continua na formação abstrata de seus gestores de um capital humano que repete a lógica da

10. A democracia de baixa intensidade é aquela que está alicerçada no campo liberal e neoliberal. Um discurso proferido a favor da dignidade humana, dos direitos humanos, na formação de valores centrados na justiça, na paz, mas uma prática autoritária, autocrática, violenta, excludente. Tal democracia pode ser percebida na prática pedagógica nos dirigentes de escolas particulares. São abstratamente humanistas, democráticos em manifestações fora das instituições escolares. No entanto, são autocráticos e exercitam um tipo de autoridade autoritária, coniventes com o sistema que promove desigualdades. Nas relações com estudantes e professores o direito ao contraditório e o exercício da democracia são negados. Conservam seus cargos de gestão em anos sem permitir a rotatividade. O conflito não é o sinônimo do novo, mas de ameaças o que leva a um sistema perverso de exclusões. Para Boaventura (2014) essa democracia de baixa intensidade não enfrenta três pilares da dominação os quais é preciso lutar para acabar com injustiças sociais: colonialismo, patriarcalismo, capitalismo. Ao que tudo indica não tem sido uma ação daqueles que professam o Pacto Educativo de Francisco.





desigualdade e da exploração, pois não enfrenta o problema de forma imediata. A escola ficou refém da lógica do capital e não tem configurado na proposta de Francisco mudanças significativas a essa situação.

Há um conservadorismo católico e o reforço ao privilégio de classe, distante de propostas advindas das diretrizes da Igreja Católica. Nesse conservadorismo, utiliza-se o controle sobre os sujeitos a partir do eixo do poder econômico e religioso. Assim, a escola católica, de forma explícita, tem aderido a essa lógica do capital, apresentando contradições que se evidenciam entre o discurso e a prática.

Estabelece contornos humanistas para o que se deve fazer, mas não o que se faz no interior das escolas de tradição católica. São duas ruas de mão única sem contramão ao pensarmos uma perspectiva benjaminiana. É a configuração do presente com uma origem nas trilhas do passado. São vozes antigas que se repetem em tempos modernos.

REFERÊNCIAS

ANEC. Pacto Educativo. Disponível em: <https://anec.org.br/acao/pacto-educativo-global/> Acessado em: 10 de janeiro de 2023.

ANTUNES, Caio. **A Educação em Meszáros- Trabalho, Alienação e Emancipação**. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999.

BENJAMIN, Walter. **Teses sobre Filosofia da História**. In: Walter Benjamin. Org. Flávio Kothe. São Paulo: Ática, 1991.

CHAUÍ, Marilena. **Escritos sobre a Universidade**. São Paulo: UNESP, 2001.

FERREIRA, Amauri Carlos. Da Gravissimum Educatione ao Projeto Educativo do Papa Francisco: Clamor de um Humanismo abstrato. In: Anais do II Simpósio Internacional Estudos do Catolicismo: Concílio Vaticano II-O Catolicismo de João XXIII a Francisco. Org. Nucleo de Estudos do Catolicismo. Juiz de Fora-MG. PPCIR/UFJF, 2022. Disponível em https://pliniocorreadeoliveira.info/TD_2022_Concilio_Vaticano2.pdf

FERREIRA, Amauri Carlos & NORONHA, Vânia. Entre fronteiras na construção do imaginário: educação e religião. In: **HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, Belo Horizonte PUC Minas, v. 15, n. 45, p. 68-91, jan./mar. 2017 .

FERREIRA, Amauri Carlos, WERNECK, Luzia, FERREIRA, Soraia Belton. **Notas sobre a Educação em tempos de pandemia: a aula remota e o dever da cidadania**. In: A Escola



Remota Presente e Futuro da Educação (org. Simão Pedro Pinto Marinho, Carlos Jamil Cury, Vânia Noronha Alves). Belo Horizonte: Editora, PUC Minas, 2021.

FRANCISCO, Papa . Educar para o Desenvolvimento Integral da Pessoa. In: **O Projeto Educativo de Francisco**. In: Dom João Justino. Sayago (Org), Curitiba, PUCPRESS, Coleção Evangelização v,1, 2019.

GUIDINI, Fernando . **Educação Integral**. In : Dicionário do Pacto Educativo Global. (Org) Humberto Silvano Herrera Contreras, Ir Jorge Luiz de Paula, SJ . Ir Claudia Chesini, ACSC. Brasília, ANEC, 2021.

JUSTINO, DOM João. **O Projeto Educativo de Francisco**. In: Sayago (Org), Curitiba, PUCPRESS, Coleção Evangelização v,1, 2019. (Prefácio do livro)

LEAL, Valéria Andrade. Elementos do Pensamento do Francisco sobre Educação: um projeto para além da fronteira religiosa. In: **Revista Relegens Treskeia**, v.7, n., 2018.

LIMA VAZ, Henrique. **Escritos de Filosofia II- Ética e Cultura**. São Paulo: Loyola, 1988.

MESZÁROS, Istvan. **A educação para Além do Capital**. São Paulo: Boitempo, 2008

MOTA, Correa Guadalupe & FRANCO, Maria A. do Rosário Santoro. Desafios da Humanização da Educação no Pensamento Educacional do Papa Francisco: Entrevista com D. Tarcísio Scaramussa Chancellor da Universidade Católica de Santos. In: Revista eletrônica pesquiseduca. Santos, V 12 n.27, 2020.

MONTEIRO, Virgínia Pinheiro. **Incoerência entre Discurso e Prática: desvendando a ética trabalhista em Instituições de Ensino confessionais Cristãs**. Monografia no Curso de Especialização em Ciências da Religião, PUC Minas, 2006.

ONU. Pacto Global. Disponível em: <https://www.pactoglobal.org.br/a-iniciativa> e <https://www.pactoglobal.org.br/no-brasil>
Acessado em: 10 de janeiro de 2023.

REZENDE, Julio César Evangelista. Formação Docente e Humanismo na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Educação, 2022.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Se Deus fosse um Ativista dos Direitos Humanos**. São Paulo: Cortez, 2014.

SOUZA, Robson, Sávio Reis. A Aurora de um Novo Humanismo: Ideias e ações do papa Francisco. In: Dom Joaquim Mol et al. O Novo Humanismo –Paradigmas Civilizatórios para o século XXI a partir do papa Francisco. São Paulo: Paulus NESP, 2022.

TFOUNI, Fabio Elias Verdiani & PEREIRA Anderson de Carvalho. **Entre o Acontecimento e a Memória**: Discursos sobre o Papa Francisco em capas de Revistas de Grande Circulação. In: Linguagem em Discurso, v. 16, n.1, 2016.

PALMA, Maria Helena. **Sociologia e o campo da sociologia da Educação**. UNIVESP, 2018.
<https://www.youtube.com/watch?v=LBdK5DWpvcs&t=9s>



SANTOS, Eliane Silva dos & SANTOS, Edna Rodrigues dos. In : Dicionário do Pacto Educativo Global. (Org) Humberto Silvano Herrera Contreras, Ir Jorge Luiz de Paula, SJ Ir Claudia Chesini, ACSC. Brasília, ANEC, 2021.

SOBRE OS AUTORES

Amauri Carlos Ferreira: Professor do Programa de Pós-graduação em Educação e do curso de Pedagogia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC- Minas). Professor de Filosofia do Instituto Santo Tomás de Aquino (ISTA). Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), com pós-doutorado em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestre em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC SP). Graduado em Filosofia. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4771-3465> .E-mail: mitolog@pucminas.br

Ana Paula de Jesus: Estudante do curso de Pedagogia da PUC Minas. Bolsista de iniciação Científica (Fapemig e CNPQ). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3608-7991> .E-mail : apjesus25@gmail.com

Beatriz de Matos Siqueira: - Estudante do curso de Pedagogia da PUC Minas. Bolsista de Iniciação Científica (CNPQ). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6286-8564> . E-mail : biamaatossi@gmail.com

Lorena da Silva Vieira Araújo: Estudante do curso de Pedagogia da PUC Minas. Bolsista de Iniciação Científica(CNPQ). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1424-3815> . E-mail:vieiralorena3008@gmail.com

Tramitação:

Recebido em: 28/11/2022

Aprovado em: 10/01/2023